

NO CAIS E NAS LEMBRANÇAS: OS ESPAÇOS LITERÁRIOS DE MEMÓRIA EM *CAIS DA SAGRAÇÃO*, DE JOSUÉ MONTELLO

Gil Derlan Silva **ALMEIDA**¹

Sebastião Alves Teixeira **LOPES**²

RESUMO: Este artigo objetiva discutir a apresentação dos espaços literários como gatilhos de memória no romance *Cais da sagração* (1980) de Josué Montello. São abordados nesse trabalho como o cais, principal espaço vivenciado pelo protagonista, funciona como evocador das lembranças e desencadeador do processo de rememoração no decorrer do romance. São utilizados como aporte teórico as discussões apresentadas por Barbieri (2009), Brandão (2013), Halbwachs (2006), Tuan (1983) e Zoran (2016). Acreditamos que da mesma maneira que o espaço literário carrega simbologia e força sobre as personagens do romance, também aciona os meandros da memória, que em vários momentos se tornam fundamentais para o desvendar da narrativa de *Cais da sagração* (1980).

PALAVRAS-CHAVE: Josué Montello. Espaço. Memória.

IN THE PIER AND IN THE MEMORIES: THE LITERARY SPACES OF MEMORY IN *CAIS DA SAGRAÇÃO*, BY JOSUÉ MONTELLO

ABSTRACT: This article aims to discuss the presentation of literary spaces as memory triggers in Josué Montello's novel *Cais da sagração* (1980). It is presented here how the pier, the main space inhabited by the protagonist, functions as an evoker of memories and promoter of the process of remembering in the course of the narrative. The theoretical basis is the discussion presented by Barbieri (2009), Brandão (2013), Halbwachs (2006), Tuan (1983), and Zoran (2016). We believe that as literary space carries symbolism and force on the characters of the novel, it also triggers the intricacies of memory, which at various times become fundamental to unveil the narrative of *Cais da sagração* (1980).

KEYWORDS: Josué Montello. Space. Memory.

1 Mestrando em Letras/Literatura pela Universidade Federal do Piauí (UFPI). Especialista em Língua Inglesa pela Faculdade Latino-Americana em Educação (FLATED). Graduado em Letras/Língua Inglesa pela Universidade Estadual do Tocantins (UNITINS). Graduado em Letras/Língua Portuguesa pela Universidade Estadual do Maranhão (UEMA). Professor EBTT do Instituto Federal do Maranhão (IFMA), Campus Bacabal. Endereço eletrônico <gilderlansilva@hotmail.com >.

2 Pós-doutor. Doutor em Letras/Literaturas de Língua Inglesa pela Universidade de São Paulo (USP). Professor do Programa de Pós-graduação em Letras e do Departamento de Línguas Estrangeiras da Universidade Federal do Piauí (UFPI). Endereço eletrônico: <slopes10@uol.com.br >.

INTRODUÇÃO

O espaço literário é uma noção que ultrapassa os conceitos físicos e geográficos tradicionalistas, no entanto muitas vezes esse conceito usualmente é diminuído e limitado à ideia de espaço físico, território e paisagens. Esse mesmo espaço literário consegue carregar consigo uma gama de sentimentos, memórias e outras ideias que fazem o termo sair da zona superficial e adentrar terrenos de várias significações e sentidos.

A análise e a crítica literária começaram a adotar o espaço como categoria identificável nas obras, uma vez que foi possível perceber a relação direta deste com as personagens. Notou-se que esta categoria tinha presença e força suficientes para ser tratada como um sistema interpretativo e que sua consideração ou não dentro do processo de analisar e esmiuçar a tessitura literária fazia diferença para a apreensão ou não da noção que se queria obter do texto (BRANDÃO, 2013).

Desta forma, a perspectiva apontava para um viés que mostrasse e colocasse o espaço como elemento importante e extremamente necessário dentro do fazer literário, não somente em seu sentido literal de lugar físico, mas encará-lo como produto e condição dentro do campo dos estudos literários. Estas afirmações seriam importantes pressupostos para a verdadeira apropriação da noção de que uma nova onda de análise e crítica literária começava a se moldar com a consideração de elementos intrínsecos e extrínsecos à obra.

Os espaços carregam um mundo de histórias, lembranças e momentos em suas estruturas. Seja em suas paredes, tetos ou edificações, estes ambientes possuem não só uma construção física de concreto, cimento e areia, mas também uma construção emotiva. Levam consigo acontecimentos, percalços, narrativas e causos que ultrapassam as forças materiais e geram na mente das pessoas uma série de lembranças e memórias. Em se tratando de nossos sentimentos, essa força e poder são mais intensos. Ao passar pelos lugares de nosso passado podemos lembrar não só os momentos bons e ruins de nossa passagem por esses espaços, bem como sentir por um espectro de tempo que voltamos àquela situação ou lembrança, vendo novamente o suceder de eventos e ações.

Revista Metalinguagens, v. 6, n. 2, pp. 121-131 Gil Derlan ALMEIDA e Sebastião Alves Teixeira LOPES.

No texto literário, os espaços desempenham uma função primordial. São os ambientes que carregam uma parte importante da significação do que é apreendido pelo leitor. É ali que as memórias se firmam e que as lembranças são ativadas em muitas das vezes, propiciando a nostalgia de rever ainda que por pouco tempo eventos ~~os fatos~~ antigos e marcantes. Estas construções mexem com nosso imaginário e sentidos e não devem ser tomadas no sentido clássico como apenas os ambientes de pano de fundo dos enredos. Seria simplista e ultrapassada demais demarcar aqui isto como um mero local onde a narrativa transcorre.

No que concerne à memória, sabemos que essa constitui uma importante faceta de nossas vidas. É por meio desta que nos fazemos viver nos outros. O processo de rememoração é uma atividade complexa e instiga nossos mais aguçados sentidos e pensamentos. Divididas em várias camadas, nossas memórias são responsáveis por nossas aprendizagens, recordações, reconhecimentos e evocações (CANDAU, 2011).

Dentre as diversas divisões e conjecturas sobre os desdobramentos da memória, nos deparamos com a noção de memória coletiva. Uma vez que somos seres sociais e nos estruturamos e construímos nossas vidas em sociedade, somos assim, fruto também das memórias dos grupos aos quais estamos inseridos. A memória coletiva seria uma evocação de fatos que têm lugar na nossa vida e na do grupo ao qual pertencemos. Desta forma, nossa própria memória individual é uma representação das memórias coletivas (HALBWACHS, 2006).

Em *Cais da sagração*, Josué Montello (1980) nos apresenta uma narrativa densa e firme como o cais que recebe o barco de nosso protagonista, Mestre Severino. É nas palavras da personagem que entendemos a amplitude do mar, a importância do cais e como a memória é um fator de extrema importância dentro da cultura. Com sua primeira publicação em 1980, o romance narra a história triste e nostálgica de Severino, barqueiro famoso da grande São Luís em meados do século XIX. Com a idade avançada e gravemente doente, acompanhamos a aflição do velho barqueiro em passar a posse do barco Bonança e o legado da família a seu neto Pedro, que não se interessa pela profissão, tampouco julga a necessidade de continuar este legado.

Revista Metalinguagens, v. 6, n. 2, pp. 121-131 Gil Derlan ALMEIDA e Sebastião Alves Teixeira LOPES.

O romance ganhou fama na Academia Maranhense de Letras e repercussão nacional por traçar um perfil do avanço histórico, social e econômico da cidade de São Luís (MA). Sempre com tom memorialístico e recheada da força do homem simples caiçara, a produção mistura memória, história e literatura em um texto edificante e primoroso. É sem dúvidas uma das principais produções montellianas em âmbito regional e nacional.

ESPAÇOS LITERÁRIOS, GATILHOS DE MEMÓRIA EM *CAIS DA SAGRAÇÃO*

Em *Cais da sagração*, nos deparamos com diversos espaços de memória no decorrer de toda a narrativa. É nestes ambientes que a simples noção de espaço é ultrapassada passando a abranger uma série de outros processos que mexem com as personagens, transportando-as para espaços de recordação que se amparam nas linhas e entrelinhas do texto. A nossa percepção de espaço interfere diretamente em como nos relacionamos com este. Essa relação pode ser encarada sobre um prisma negativo ou positivo e acentua o que este espaço nos apresenta e como isso interfere em nossa interpretação de mundo a partir da posição ocupada no espaço.

Nossa própria cultura é moldada em parte por espaços. Ambientes permitidos, proibidos, imorais, sagrados, profanos, ambientes que devem sempre ser frequentados, ambientes que só se frequenta uma única vez. Segundo Feitosa e Pereira (2011, p. 17), “dependendo da relação que as pessoas estabelecem com o ambiente, podem desenvolver o que irá chamar de topofilia, ou seja, o elo afetivo entre a pessoa e o lugar ou ambiente físico”. Desta forma, podemos perceber que os espaços realmente interferem em nossa compreensão e percepção de mundo e vida, afetando diretamente nossas relações com o meio.

Em *Cais da sagração*, o principal espaço a que Severino sente pertencer é o mar. Ele entende este como a extensão de sua vida e deseja permanecer ali até o fim de seus dias. É neste mar que Severino se criou e se fez homem e acredita que é ali onde seu neto Pedro se encontrará também com a identidade de barqueiro, a fim de dar seguimento ao legado da família, famosa por consistir em uma linhagem forte e brava de barqueiros, levando sempre a

Revista Metalinguagens, v. 6, n. 2, pp. 121-131 Gil Derlan ALMEIDA e Sebastião Alves Teixeira LOPES.

população dos interiores a São Luís, pelas vias do mar. Os espaços desempenham a função de gatilhos de memória, à medida que Mestre Severino os frequenta. É nesse pisar, nessa presença física que as memórias se manifestam. A partir daí surgem as lembranças, estas ativadas pelo espaço frequentado pelo protagonista. Conforme vemos no romance:

E enquanto subiam o aclave de areia rangente, esquivando-se ao capim molhado que aflorava do chão, Mestre Severino se reviu na orla do cais, em São Luís, no alto da escada que desce para o mar, na manhã que ia rompendo. Devia ter partido na véspera com o luar. Mas como tinha sono, depois de um dia extenuante, havia-se deitado na rêde macia, e só dera por si já ao fim da madrugada, com as ondas da maré cheia borrifando as tábuas do convés. Não tardara a saltar para a terra, subira a rampa de pedra, lá no alto sentara na muralha, à espera da primeira luz da manhã sôbre a cidade. E tinha sido ali, logo depois, que a Vanju lhe aparecera. (MONTELLO, 1980, p. 17-18).

Nesse excerto podemos perceber e presenciar o momento em que Mestre Severino recorda a primeira vez que viu Vanju, prostituta e a futura mulher de sua vida. Segundo a narração, é no momento em que a personagem caminha pelo cais na orla que as suas memórias afluem. É neste momento que os espaços de recordação se concretizam e surgem à mente. Estes espaços funcionam como os gatilhos já mencionados, uma vez que iniciam o processo de rememoração. Entendemos assim que no romance foi o cais que propiciou o processo de memória do dia do encontro de Severino com Vanju. Esse e outros espaços presentes na narrativa apresentam uma carga simbólica muito forte, uma vez que são necessários para o processo de verossimilhança literária. Cruzam imaginário, história, subjetividade e interpretação. O espaço nessa perspectiva passa a ser um articulador do texto e da história e a percepção deste propicia toda a possibilidade de significação do texto (BARBIERI, 2009).

É interessante também ressaltar a diferença de espaços para lugares. Ambas as palavras são usadas com certa semelhança e por vezes com a ideia de uma mesma significação, porém há certa diferença na acepção e entendimento dos termos. Segundo Feitosa e Pereira:

Revista Metalinguagens, v. 6, n. 2, pp. 121-131 Gil Derlan ALMEIDA e Sebastião Alves Teixeira LOPES.

Apontam-se considerações na discussão entre espaço e lugar associando o primeiro à liberdade e o segundo à segurança. Ainda esclarece: “os espaços são demarcados e defendidos contra os invasores. Os lugares são centros aos quais atribuímos valor e onde são satisfeitas as necessidades biológicas de comida, água, descanso e procriação. (FEITOSA E PEREIRA, 2011, p. 17).

Vemos que os conceitos são complementares e que necessitam do amparo de um ao outro para funcionarem em harmonia. Espaços entendidos aqui como locais de liberdade onde as memórias podem aflorar e espaços na conjuntura de locais ligados aos nossos instintos mais primitivos.

Interessante frisar que um espaço de memória presente no romance é o próprio mar. Esta imensidão de ondas e infinitude representa para o nosso barqueiro uma vida de dedicação, empenho e amor pela profissão. Severino jamais seria o mesmo sem o mar, não abriria mão nunca de seu ofício por qualquer outra coisa. Este era seu ofício, sua sina, seu destino e sua vida. O mar era o amigo fiel do nosso protagonista e seu companheiro de longos anos. O barqueiro sentia falta do mar, assim como sentia falta de respirar em seus momentos de crise. Esta relação é tão forte que Severino atribui em alguns momentos do enredo a sua doença à própria falta de velejar no mar. O velho chega a admitir que, desde que fosse no mar, morreria feliz.

Este espaço de memória representa gatilho de recordação não só para Severino, mas também para outras personagens do romance. É no mar que Pedro rememora sua mudança de vida de poucos dias. E é ali que o jovem menino começa a vislumbrar seu possível futuro na cidade de São Luís. Nas palavras de Montello:

Atento às mutações da luz na crista das ondas, Pedro resvalava o olhar na imensidão das águas, afeito agora à subida e descida da proa. Com o dinheiro que a Lourença lhe dera, compraria em São Luís uma caixa de lápis de cor, uma caixa de tinta, umas folhas de papel para desenho, outras para pintura. E se o avô se opusesse?

– Não sou mais menino – reagiu.

E ia recolhendo na memória ávida um traço, um matiz, um movimento, na sucessão de quadros que suas pupilas fixavam. (MONTELLO, 1980, p. 183).

No excerto acima, Pedro está receoso sobre a vida que pode levar em São Luís. É a primeira vez que viajava. Nunca tinha ido para longe de casa e sempre esteve aos cuidados de

Revista Metalinguagens, v. 6, n. 2, pp. 121-131 Gil Derlan ALMEIDA e Sebastião Alves Teixeira LOPES.

mãe Lourença. Pedro não queria a vida do avô Severino para si. Não queria a vida do pai que sumira no mar e nunca mais voltou, deixando a mãe viúva tão cedo. O menino almejava outras coisas para si e certamente o mar não era uma delas.

Os espaços literários além de serem ativadores de memórias, carregam uma série de simbologias sociais e históricas que junto ao texto montam e remontam a identidade de pessoas, cidades, dentre outros. É o que acontece também em *Cais da sagração*. Neste romance montelliano, é possível perceber a formação urbana, histórica e social da nova São Luís do século XIX. Os espaços refletem as mudanças do desenvolvimento urbano e do crescimento econômico da capital maranhense. É na descrição da mudança do Cais da Sagração para o Porto do Itaqui³ como principal local de ancoragem dos barcos e navios maranhenses que se nota o processo de desenvolvimento econômico maranhense, uma vez que o antigo cais não atendia mais às necessidades de desenvolvimento portuário que o estado e a cidade precisavam. Traça-se assim um panorama do desenvolvimento citadino à medida que o transcorrer da história se desenrola. Conforme mostra Barbieri:

Desta forma, o espaço em relação a obra pode originar ao mesmo tempo referências geográficas, sociais ou históricas, ou, ainda, contemplar diferentes instâncias existenciais ou ontológicas. Ademais, a própria tradição literária pode converter-se em referência, o que propiciam que sejam agregados espaços intertextuais à narrativa quando, por exemplo, são citadas outras obras no texto. (BARBIERE, 2009, p. 107).

Além de desempenharem a função de elementos do fazer literário e do engendramento de memórias, os espaços servem de documentação histórica. Em sua natureza recontam o desenvolvimento, a vida e o desenrolar de acontecimentos que envolvem os sujeitos daquela sociedade através das gerações. Ao passo que retratam o passado de um povo, carregam consigo as projeções de um futuro.

Conforme nos mostra Montello, ao retratar o desenvolvimento da cidade que passa a ocupar outra área, com o esvaziamento gradativo dos Cais da Sagração:

³ Durante muitos anos a economia portuária maranhense usava-se do Cais da Sagração. A partir de meados dos anos 1940, iniciou-se a construção do Porto do Itaqui, como nova proposta de desenvolvimento para as atividades marítimas e portuárias do estado. Tais como, o comércio de grãos, combustíveis e fertilizantes. Desta forma, gradativamente o comércio, a economia e a população migraram do cais para a nova região do Porto do Itaqui. (MARANHÃO, 2016)

Revista Metalinguagens, v. 6, n. 2, pp. 121-131 Gil Derlan ALMEIDA e Sebastião Alves Teixeira LOPES.

Mestre Severino se detém na volta da rua, estende o olhar evocativo para as pedras do calçamento, entre duas alas de sobrados vetustos, lembrando que por ali passavam caminhões atochados de carga, retiniam nos paralelepípedos do chão as rodas das carroças barulhentas, puxadas por um burro lerdo que o carroceiro fustigava. As calçadas estreitas quase não comportavam a multidão dos caixeiros, catraieiros, vendedores, ambulantes [...] Só nos domingos, com os sobradões fechados, um guarda bisonho à porta do casarão do Tesouro, outro mais no prédio da Alfândega, é que se via na Praia Grande a pasmaceira de agora. (MONTELLO, 1980, p. 222).

Como notamos na leitura, agora o cais tinha a aparência de domingos, ou seja, o movimento, a folia e a multidão não habitavam mais aquele espaço e suas redondezas. O progresso os levava para longe. Como se o cais, que agora servia apenas para a ancoragem de pequenas embarcações, a exemplo do barco Bonança de Mestre Severino, fosse um espaço fantasmagórico, habitado por aqueles que não se desprendem do passado e que carregam e carregarão sempre em si as experiências e sentimentos de uma época que não tem retorno. O novo chegou assumindo a posição de melhor e mais importante, colocando o velho cais na condição de ancião, esperando a chegada da morte. Os companheiros desse velho cais, como Mestre Severino e o velho Cunha, amigo e dono de uma quitanda na região, recusavam-se a aceitar a modernidade e o desenvolvimento. A estes só sobravam suas memórias, nostalgia e a querela de sentimentos que envolviam aquele espaço e as histórias de suas vidas.

A memória de Mestre Severino é um dos pontos chave da compreensão do enredo de *Cais da sagração*. Todo o transcorrer da história coaduna para a ideia de que esta narrativa seria em parte o seu livro de memórias. Nosso protagonista não esquece um detalhe sequer em suas enunciações. Sempre com uma linguagem descritiva e minimalista, é possível enxergar pelos olhos de Severino o Maranhão de anos atrás. Esta faceta nos prova a noção de memórias afetivas e sua durabilidade em nossas vidas. Segundo Alves (2016):

Essa experiência consiste num preenchimento do reconhecimento das sensações que a memória alcança na dimensão pessoal e coletiva. Ela, portanto, redefine as sensações emotivas e os estados mentais, reproduzindo seletivamente elementos da intersubjetividade. (ALVES, 2016, p. 179).

Revista Metalinguagens, v. 6, n. 2, pp. 121-131 Gil Derlan ALMEIDA e Sebastião Alves Teixeira LOPES.

As experiências afetivas ocupam um lugar de destaque no banco de memórias das pessoas. Essas memórias afetivas são ativadas por diversos gatilhos, tais como: espaços, aromas, sabores, ações, entre outros. É ali que residem os mais profundos sentimentos, sensações e nostalgias de um passado de outrora.

Outro espaço abordado e descrito em *Cais da sagração* seria a casa de Dudu, rapariga velha que vivia da prostituição com homens do mar às beiras do cais. A prostituta tinha fama na região por ser iniciadora sexual de diversos rapazes das mais variadas gerações de barqueiros da região. Como o ofício de barqueiro era passado de pai para filho, sempre que o jovem atingisse a idade adequada era levado ao quarto de uma prostituta da beira do cais. Essa com toda destreza e habilidade, próprias de quem sabe fazer bem o seu ofício, iniciava sexualmente os rapazes. Isso seria uma forma de fazer com que a primeira relação sexual fosse realizada com uma profissional e não com qualquer aventureira sem procedência.

Assim, preocupado com a masculinidade de Pedro, Mestre Severino leva o neto para os braços da rapariga e é neste momento de conversa com a senhora, no momento do acerto de contas e da negociação do serviço sexual para o neto que as memórias de Mestre Severino são evocadas, lembrando-o de sua iniciação sexual. Agora seria a vez do barqueiro Severino assumir o mesmo papel que seu pai assumira tempos atrás na sua adolescência. É no espaço da casa simples, modestamente arrumada apenas para o mínimo de conforto que Mestre Severino negocia com Dudu a iniciação sexual de Pedro. Conforme descreve Montello:

A sala pobre, muito estreita, tinha apenas aquele grupo de palhinha, um espelho na parede, um consolo de pedra partida nas bordas. Uma cortina de renda, meio pensa guarnecia a janela retangular de duas rótulas, agora imóvel ao ar abafado.

E Mestre Severino, decidindo-se:

– Se fosse para mim, eu já tinha me explicado. Mas não é. É para meu neto, que já está quase um homem, na idade de se deitar com uma mulher. (MONTELLO, 1980, p. 256).

A descrição do cenário, o espaço que nos é apresentado propicia o processo de evocação da memória de Mestre Severino. É neste espaço de lembranças que o velho barqueiro lembra de sua própria iniciação sexual com Loló Maresia, prostituta que rondava o Cais da Sagração em busca de clientes e aventuras com homens do mar. Mais uma vez, isso

Revista Metalinguagens, v. 6, n. 2, pp. 121-131 Gil Derlan ALMEIDA e Sebastião Alves Teixeira LOPES.

corroborar a ideia de que os espaços funcionam no romance de Montello como gatilhos de memórias para o personagem. Estas construções e habitações servem de refúgio para as memórias. São nestes espaços que habitam as lembranças, recordações e suas manifestações. Estas companheiras ficam adormecidas entre seus tijolos, paredes e velhas edificações, esperando o momento em que a personagem as chame para que possam voltar à cena. É nestes espaços que a atuação do tempo passado se processa nos nossos olhos e na nossa mente.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As memórias nos acompanham em nosso inconsciente, amparamo-nos muitas vezes nelas para recordar eventos e casos do passado. Na literatura, a memória é um artefato sagrado de personagens, pois guarda não somente a bagagem de vida e passado de cada uma, como também é um patrimônio individual e coletivo que caminha com nossas emoções e sentimentos mais profundos.

A multiplicidade e variedade de sentidos que são causados pela memória dentro de uma narrativa constituem fio de ligação para muitos enredos. É no elemento memorialístico que o tecido literário encontra os pontos que estruturam suas narrativas e enredos. Em *Cais da sagração*, de Josué Montello temos a memória como importante fator de encadeamento do romance. As recordações, as lembranças e os *flashbacks* ajudam o leitor a situar-se no do mar da história de Mestre Severino.

Ademais, outro ponto importante que também constituiu elemento primordial no romance são as referências espaciais. O espaço em *Cais da sagração* ocupa uma posição de motor de memória, em cada ambiente frequentado por Mestre Severino traça-se uma visão do que fora sua vida de outrora e de como evoluiu ao que se tornou hoje. É na passagem e contemplação de cada espaço que o leitor consegue compreender que eventos desencadearam a vida de nosso protagonista, levando-o a tornar-se o que é hoje. Sua relação com o mar, com o cais e as redondezas ativam em Severino suas lembranças, fazendo com que a cidade se torne seu espaço de recordação e a narrativa um retrato de sua vida.

Revista Metalinguagens, v. 6, n. 2, pp. 121-131 Gil Derlan ALMEIDA e Sebastião Alves Teixeira LOPES.

Os espaços literários em *Cais da sagração* não somente mostram Severino e suas identidades, como também a cidade e a evolução desta pela memória do protagonista. O velho cais do passado não teve forças para resistir à modernização e a mudança de moradia das pessoas que o habitavam e frequentavam, mas mantém-se intacto, firme e forte como um palácio de lembranças do nosso barqueiro e de muitos outros. Talvez a descrição que integra seu nome com sagração, seja a mais adequada para demarcar um espaço que de tão sagrado e místico não se deixa ruir e abater, mas continua resistindo e se fazendo presente como o mar que o abraça.

REFERÊNCIAS

- ALVES, M. C. F. A memória afetiva e a infância digna na literatura de Clarice Lispector. *Anamorphosis: Revista Internacional de Direito e Literatura*, v. 2, n. 1, janeiro-junho 2016.
- BARBIERI, C. Arquitetura Literária: sobre a composição do espaço narrativo. In: BORGES FILHO, O.; BARBOSA, S. (org.). *Poéticas do espaço literário*. São Carlos: Claraluz, 2009. p. 105-126.
- BRANDÃO, L. A. *Teorias do Espaço Literário*. Belo Horizonte: FAPEMIG, 2013.
- CANDAU, J. *Memória e Identidade*. Tradução Maria Letícia Ferreira. São Paulo: Contexto, 2011.
- HALBWACHS, M. *A Memória Coletiva*. Tradução Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2006.
- MARANHÃO. *Porto do Itaqui: encantado e encantador*. 08 de set. de 2016. Disponível em: <http://www.portodoitaqui.ma.gov.br/imprensa/noticia/porto-do-itaqui-encantado-e-encantador>. Acesso em: 09 jul. 2019.
- MONTELLO, J. *Cais da sagração*. São Paulo: Martins, 1980.
- PEREIRA, A. P.; FEITOSA, M. M. M. A Percepção do Espaço em João Cabral de Melo Neto: uma leitura da experiência em “O cão sem plumas”. *Cadernos de Pesquisa*, v. 18, n. 2, p. 16- 19, 2011.
- PEREIRA, P. V.; CAVALCANTE, J. D. C. Entre ficção, memória coletiva e história: uma reflexão acerca de Noite sobre Alcântara, de Josué Montello. In: SANTOS, S. M. P.; CAVALCANTE, J. D. C.; SOUZA, J. (org.) *Josué Montello: Entre memória, ficção e cultura*. São Luís: EDUFMA, 2018. p. 151-172.